

Bordados e o design para a autonomia de mulheres: uma revisão sistemática da literatura

Embroidery and design for women's autonomy: a systematic review of the literature

Roberta Serednicki de Ávila, Universidade de Brasília.

robertaserednicki@yahoo.com.br

28

Ana Claudia Maynardes, Universidade de Brasília.

anacmay@gmail.com

Resumo

Os bordados são uma manifestação de cultura material fortemente marcada pela feminilização, produção doméstica e pela precariedade econômica. O presente artigo objetiva avaliar o potencial dos bordados promoverem a autonomia de mulheres. Utiliza-se o método de análise bibliográfica, com recurso à Teoria do Enfoque Meta-Analítico Consolidado – TEMAC (MARIANO, et al., 2019), à luz do referencial teórico do design para a autonomia em Bonsiepe e Escobar, incorporando as abordagens decolonial e feminista. Como resultado, são reconhecidas três áreas de promoção de autonomia de mulheres: artístico-cultural, socioeconômica e político-feminista. Há um valor cultural próprio dos bordados como uma arte invisível pelas mulheres, que subverte a tradicional hegemonia masculina. Enquanto em países do Norte Global há um maior acento no valor como *hobby*, em países do Sul acentua-se seu valor como estratégia de sobrevivência econômica. As rodas de bordado tornam-se uma sociotecnologia de cuidado, ao promoverem um vínculo de convivialidade comunitária entre mulheres. Os bordados permitem dar voz às mulheres na narrativa de suas histórias e questionamentos às opressões políticas. Esta revisão mapeia áreas de futuro aprofundamento para pesquisas empíricas sobre questões do design para a promoção de autonomia de mulheres através dos bordados.

Palavras-chave: Design, Autonomia, Bordados, Cultura Material, Gênero.

Abstract

Embroidery is a manifestation of material culture strongly marked by feminization, domestic production, and economic precariousness. This article aims to discuss the potential of embroidery to promote women's autonomy. For the literature review it uses the Consolidated Meta-Analytical Approach Theory – TEMAC, considering the theoretical framework of autonomous design of Bonsiepe and Escobar, with decolonial and feminist approaches. As a result, the study recognizes three areas of autonomy promotion: artistic-cultural, socioeconomic and political-feminist. There is a cultural value inherent to embroidery as an invisible art by women, which subverts the traditional male hegemony. While in Global North countries there is a greater emphasis on its value as a hobby, in Southern countries there is an accent on its value as a survival strategy. Embroidery circles are a sociotechnology of care, promoting communitarian conviviality between women. Embroidery allows women to have a voice in the narrative of their stories and to question political oppression. This review allows us to map issues for future deepening in empirical research on autonomous design for women in embroidery.

Keywords: Design, Autonomy, Embroidery, Material Culture, Gender.



Introdução

Os bordados constituem uma rica manifestação de cultura material, fortemente associados à identidade cultural (LEITE, 2009; PÉREZ-BUSTOS, 2017). Os bordados manuais são uma atividade tradicionalmente realizada por mulheres, no âmbito doméstico, transmitida oralmente de mãe para filha (SILVA, 1994). Trata-se de atividade fortemente marcada pela intergeracionalidade, divisão sexual do trabalho e precariedade econômica (NUNES, 2021). Os valores sócio-histórico-culturais sexistas ensejam uma desvalorização do trabalho feminino, o que usualmente se reflete na atividade dos bordados, gerando a superexploração do trabalho feminino e infantil (SILVA, 1994).

Tradicionalmente, os bordados têm seu valor artístico desvalorizado, fruto da construção social como uma atividade feminilizada, repetitiva e doméstica (PÉREZ-BUSTOS, 2017). Pesquisas no Brasil sinalizam o potencial dos bordados para a promoção de autonomia feminina, tanto no âmbito econômico (LEITE, 2009) como na denúncia das relações de gênero e resistência política (ALLUCCI, 2019; MASO e MASO, 2020). Bordados contam histórias, compartilham experiências, carregam mensagens e, como toda manifestação cultural, reproduzem e questionam os valores sociais hegemônicos.

Os bordados podem ser perspectivados como um processo produtivo marcado pela convivialidade comunitária entre mulheres nas rodas de bordados, criando um produto de elevado valor cultural, destinado a atender necessidades de moda, decoração doméstica e até mesmo arquitetônicas (LEITE, 2009). O processo produtivo dos bordados pode ser objeto de uma intervenção de design, enquanto “solução inteligente de problemas” (BONSIEPE, 2011, p. 18).

Os estudos críticos em design têm sinalizado a relevância de a atividade projetual alinhar-se com valores de promoção da autonomia do ser humano. Bonsiepe (2011, p. 21) defende um “humanismo projetual”, que seria “o exercício das capacidades projetuais para interpretar as necessidades de grupos sociais e elaborar propostas viáveis, emancipatórias, em forma de artefatos instrumentais e artefatos semióticos”. Há uma relação entre design e democracia, esta última entendida como “redução de heteronomia em qualquer área: economia, política, ensino, pesquisa, meios, prática da vida cotidiana, cultura...” (BONSIEPE, 2011, p. 27). Portanto, o design pode ser tanto uma estratégia de manutenção de poder (heteronomia), como um instrumento de emancipação (autonomia).

Escobar (2018, p. 168) defende a necessidade de um design para, e a partir da, autonomia, que exige “libertar o design de sua dependência quanto à ausência de sustentabilidade e desfuturar práticas, redirecionando-as para outros projetos de construção de mundo”. Ele pleiteia práticas de design empenhadas com a sustentabilidade e interdependência dos seres humanos, um design para o pluriverso. O conceito de autonomia deste autor é construído a partir da análise de movimentos sociais latino-americanos e das críticas feministas. Muitos movimentos sociais de resistência quanto à destruição ambiental e à exploração social podem ser vistos como parte de um processo de “matriarcalização” (ESCOBAR, 2018, p. 16), recriando modos de vida relacionais e cooperativos. Segundo Escobar, existe um design patriarcal, marcado pela reprodução de um modo de vida autodestrutivo, e um design matriarcal,



que permite a criação de futuros marcados pela inclusão, preservação e horizontalidade nas relações entre humanos e destes com a natureza.

Os estudos de design têm se debruçado sobre a possibilidade de uma atividade emancipatória no âmbito do artesanato (PEIXOTO; MAYNARDES, 2020). O cruzamento entre decolonialidade e feminismo no design para a promoção da autonomia é especialmente relevante para os estudos sobre bordados. A produção artesanal sofre uma discriminação de classe, que impõe a valorização das belas artes produzidas pela elite cultural. As manifestações artesanais de países periféricos recebem a adicional discriminação colonial, que valoriza somente as artes produzidas na tradição eurocêntrica (Norte Global). A produção dos bordados por mulheres, usualmente em situação de exclusão social, recebe o adicional de discriminação de gênero. Quando são produzidos por comunidades tradicionais, negras ou indígenas, há ainda a discriminação de raça/etnia.

A presente pesquisa busca aprofundar os estudos sobre design para a autonomia, com o objetivo de identificar e sistematizar as pesquisas relacionadas à possibilidade de o design amparar as atividades de bordados produzidas por mulheres impactando na promoção da autonomia feminina. O trabalho partirá, inicialmente, com a exposição da metodologia da pesquisa de levantamento bibliográfico, seguida da apresentação dos resultados e sua discussão, identificando três áreas de autonomia: artístico-cultural, socioeconômica e político-feminista. Espera-se contribuir com um avanço na consolidação de estudos em design aplicados aos bordados, incorporando as perspectivas de gênero, raça e classe no contexto decolonial. Este artigo insere-se em etapa preparatória de levantamento bibliográfico de pesquisa de mestrado em design.

Metodologia da pesquisa

Trata-se de pesquisa secundária, de objetivo exploratório-descritivo, que se utiliza dos procedimentos de revisão bibliográfica, selecionada com o uso da Teoria do Enfoque Meta-Analítico Consolidado - TEMAC (MARIANO et al., 2019), mediante pesquisa às bases de dados Web of Science (WoS), Scopus e Google Scholar. A TEMAC propõe utilizar-se um motor de busca de pesquisa bibliográfica, estruturando a análise em três etapas: (i) preparação da pesquisa, (ii) apresentação e correlação de dados e (iii) detalhamento do modelo de integração e validação baseada em evidências (MARIANO et al., 2019, p. 245). A pesquisa foi realizada no mês de junho de 2021.

Na primeira etapa, realizou-se a pesquisa com a seguinte combinação de palavras: “Embroidery and Feminism”, ou “Handicraft and Feminism”, ou “Embroidery and Empowerment”, ou “Embroidery and Politics” ou “Embroidery and Gender”. A base de dados WoS retornou de 67 artigos. A base de dados Scopus apresentou limitações para pesquisa associada com múltiplos marcadores; diante desta limitação, optou-se pela realização de pesquisa na base Scopus apenas com as palavras “Embroidery and Feminism” ou “Embroidery and Gender”, com 51 resultados. As duas pesquisas foram realizadas sem restrição temporal. Utilizou-se ambas as plataformas para a análise de temas mais relevantes e artigos mais citados. Finalmente, realizou-se pesquisa com os marcadores acima referidos na base de dados Google

Schoolar, com um caráter complementar, resultando em 10.500 referências, sendo analisadas as 100 primeiras. Optou-se por não utilizar a palavra “design” na pesquisa, pois reduzia excessivamente o resultado; a pesquisa sem essa limitação permitiu incluir artigos de outros campos do conhecimento (engenharia, negócios, artes, ciências sociais), favorecendo uma análise multidisciplinar para a teoria do design.

Os resumos dos artigos localizados nas três plataformas, foram lidos e analisados para se avaliar inclusão no *corpus* da pesquisa. O critério de inclusão foi a pertinência temática para os estudos em design, com preferência aos artigos com maior citação. O critério de exclusão foi a repetição desnecessária de tema já constante de outro artigo incluído no *corpus*. Foram selecionados 19 artigos da plataforma WoS (BROOKS, 1955; CRUZ-FERNÁNDEZ, 2014; ERICKSON, 2015; HACKNEY, 2013; ILINA, 2020; JABEEN et al., 2020; MONTGARRETT, 2017; MYZELEV, 2009; PEREZ-BUSTOS, 2017; RIVERA et al., 2016; SCHMAHMANN, 2017a e 2017b; SEGALO, 2011 e 2016; SU et al., 2020; THUNDER, 2014; VAN DER MERWE, 2019; VARELA MATTUTE, 2021; WILKINSON-WEBER, 1997). Verificou-se que na plataforma Scopus havia 10 artigos repetidos em relação aos já selecionados na base WoS, sendo acrescentados 5 novos artigos ao *corpus* (HUANG, 2012; MASO, MASO, 2020; SALAMON, 2016; SEGALO et al., 2015; SILVA, 1994). Finalmente, na base Google Scholar, foram selecionados 8 artigos que pudessem complementar a análise feminista sobre os bordados (ALCARAZ FRASQUET, 2016; ALLUCCI, 2019; CHUCHVAHA, 2020; COOPER, 2020; LEITE, 2009; NUNES, 2021; SÁNCHEZ-ALDANA et al., 2019; SILVA et al., 2016).

Em seguida, utilizou-se da pesquisa na plataforma WoS para extração de dados bibliométricos, que foram analisados com o software VOSviewer (versão 1.6.16) para elaborar as correlações de coocorrência temática e cocitação de autores, gerando-se mapas visuais. A análise de coocorrência temática permite identificar os temas (palavras-chave) mais usuais nesses trabalhos e a análise de cocitação identifica os autores mais citados dentro da pesquisa bibliográfica, revelando possíveis referenciais teóricos de análise do tema. Foram localizadas mais 15 referências de cocitação (indicadas adiante), uma das quais estava repetida em relação ao acervo WoS (RIVERA et al., 2016).

Estas 46 referências (19 WoS, 5 Scopus, 8 Google Scholar e 14 VOSviewer) compuseram o *corpus* da pesquisa bibliográfica, sendo lidos em seu inteiro teor para a análise.

Registra-se como limitação da pesquisa a não consulta a outras possíveis bases de dados (como anais de conferências), que poderiam revelar pesquisas invisibilizadas nas bases de dados do *mainstream* acadêmico.

Revisão sistemática

A primeira publicação correlacionando design e bordados é de Brooks (1955). No recorte específico da pesquisa sobre bordados e empoderamento feminino, a referência mais antiga foi de SILVA (1994), analisando como o bordado caseiro produzidos por mulheres no agreste do Pernambuco contribui para o sustento familiar, seguido pelo trabalho de Wilkinson-Weber (1997), que analisa como as bordadeiras da indústria de vestuário de Lucknow, Índia, são exploradas por agentes homens.

Os motores de busca bibliográfica permitem ordenar a pesquisa por ordem de artigos mais citados. A Tabela 1 apresenta os 10 artigos mais citados nas pesquisas do WoS e Scopus, após filtro de pertinência temática ao presente estudo, com respectivo resumo.

Referência	Citações no WoS	Citações no Scopus	Resumo
HACKNEY, 2013	57	47	Discute o potencial ativista do artesanato doméstico amador.
MYZELEV, 2009	33	-	Analisa como hobbies domésticos, como o tricô, estão sendo redescobertos no mundo anglófono e seus impactos sociais.
VAN DER MERWE, 2019	21	-	Considera como a atividade de bordados em comunidades desfavorecidas na África do Sul possui relevância para a documentação da história local.
PEREZ-BUSTOS, 2017	11	7	Estudo etnográfico dos diálogos entre o bordado de calado e o design industrial.
WILKINSON-WEBER, 1997	10	11	Examina como as mulheres bordadeiras da indústria de vestuário de Lucknow são exploradas por agentes homens.
RIVERA et al., 2016	8	-	Descreve projeto de engenharia industrial com metodologia participativa envolvendo comunidade de mulheres bordadeiras na Colômbia.
SCHMAHMANN, 2007b	7	5	Avalia denúncias de violência doméstica, o medo da infecção pelo HIV, a falta de apoio dos parceiros na educação dos filhos em bordados na África do sul.
JABEEN et al., 2020	7	4	Aprecia o impacto das atividades econômicas tradicionais de mulheres, como o bordado, em área rural no Paquistão.
CRUZ-FERNANDES, 2014	4	5	Estabelece as estratégias da companhia Singer para vender máquinas de costura em escala global, e o papel dos bordados por mulheres.
SEGALO, 2011	3	5	Discute como os bordados auxiliam mulheres a obterem empoderamento na África do Sul.

Tabela 1: Artigos mais citados na pesquisa bibliográfica no WoS e Scopus

Fonte: Elaborado pelas autoras



A análise destes artigos mais citados, permitiu identificar temas convergentes, como os relacionados aos valores culturais nos bordados de comunidades tradicionais, ao impacto socioeconômico de sua produção e ao potencial de denúncias de violações de direitos das mulheres.

Considerando que a pesquisa na plataforma WoS permitiu maior detalhamento com cruzamento de múltiplas palavras-chave (ver metodologia), utilizou-se esta pesquisa para a análise de coocorrência das palavras-chave, através do software VOSviewer, com os artigos que tinham presença de, ao menos, 3 categorias comuns. Foi verificada forte presença dos marcadores “bordados”, “gênero” e “feminismo”, que estavam presentes nos critérios de pesquisa. Dentre as palavras que não constavam dos critérios de pesquisa, destacaram-se “educação”, “tecidos”, “mulheres”, “comunidade” e “identidade”. Ver o mapa visual na Figura 1.

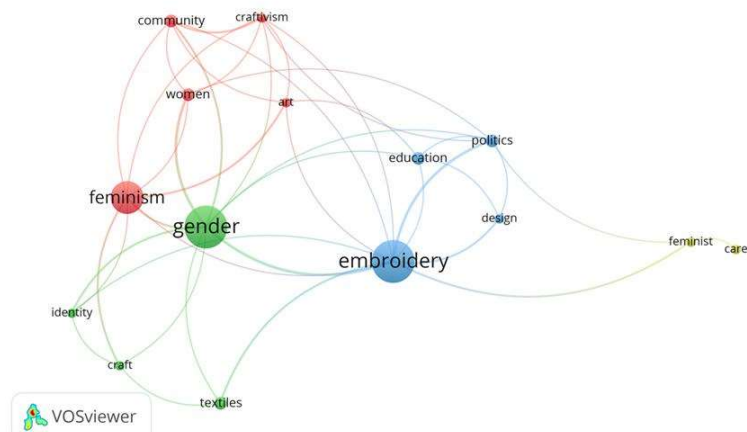


Figura 1: Mapa visual de coocorrência de palavras-chave na pesquisa bibliográfica

Fonte: Elaborado pelas autoras, no software VOSWier, a partir de dados do WoS

Na análise de cocitações de referências, considerando-se as referências que tiveram ao menos 3 citações no conjunto de trabalhos localizados pela pesquisa, houve 15 resultados, indicados no mapa visual da Figura 2.

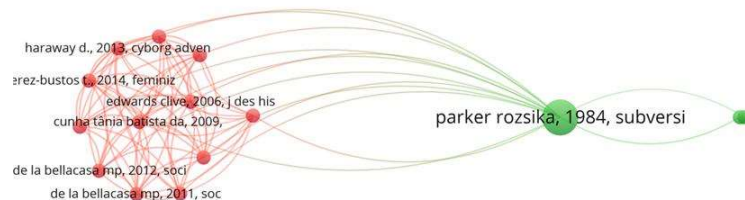


Figura 2: Mapa visual de relações de cocitações de autores na pesquisa bibliográfica

Fonte: Elaborado pelas autoras, no software VOSWier, a partir de dados do WoS

A meta-análise das referências mais citadas localizou a obra de Parker (1984), cocitada quatorze vezes (ao centro da Figura 2). Ela foi pioneira no estudo de uso dos bordados como instrumento de promoção de emancipação feminina, numa perspectiva social e política. À direita da Figura 2 há dois autores citados com Parker que usualmente não aparecem em outras cocitações (MINAHAN, 2007; SENNETT, 2008), sendo considerados de ligação fraca. Os demais autores no cluster à esquerda ou são cocitados com Parker ou entre si, formando um grupo de ligação forte (CUNHA, 2009; BELLACASA, 2011; BELLACASA, 2012; EDWARDS, 2006; FISHER; TRONTO, 1990; HARAWAY, 2008; HARAWAY, 2013; PÉREZ-BUSTOS, 2014; PÉREZ-BUSTOS, 2016; PHILLIPS, 1995; RIVERA et al., 2016; SINGLETON, 2012).

Resultado e Discussão

O estudo de Su et al. (2020), ilustra o impacto holístico dos bordados para as mulheres. Eles analisam como o envolvimento de mulheres rurais de área de extrema pobreza no noroeste da China (Hui) em atividade de bordados, reconhecida como patrimônio cultural, teve um relevante impacto para o turismo local e se tornou uma estratégia de promoção do empoderamento feminino. Estes autores analisam cinco dimensões do empoderamento das mulheres (econômica, social, psicológica, educacional e política) em várias escalas (indivíduo, família, comunidade e sociedade).

Nesta revisão da literatura, avaliaremos os impactos da atividade de bordados na vida das mulheres em três perspectivas: artístico-cultural, socioeconômica e política-feminista.

Autonomia artístico-cultural

A dicotomia mulheres amadoras e homens profissionais levou à consideração do artesanato feminino como inferior às belas artes masculinas (EDWARDS, 2011). A sua domesticidade leva à invisibilidade, própria do universo feminino (PÉREZ-BASTOS, 2017). Trata-se de uma “arte invisível” do cotidiano feminino (PHILLIPS, 1995). Há uma possível associação do trabalho minucioso dos bordados no âmbito doméstico às atividades de cuidado, que são atribuídas como responsabilidades das mulheres, portanto desvalorizadas numa cultura capitalista (FISHER; TRONTO, 1990; BELLACASA, 2011). Em ambientes fortemente patriarcais, os bordados são uma estratégia para gerar pausas para que se retirem da rotina doméstica imposta às mulheres e pensem criativamente com as mãos (PÉREZ-BASTOS, 2017).

Parker (1984), realiza uma análise histórica discutindo como a separação entre o artesanato do bordado e as artes plásticas passaram a ser uma grande força na marginalização do trabalho feminino. Edwards (2011), analisando os produtos artesanais produzidos e consumidos no âmbito doméstico por mulheres nos séculos XVIII e XIX, avalia que esta era uma estratégia feminina de expressão artística num universo dominado pelos homens.

Todavia, estudos recentes têm resgatado o valor artístico e cultural dos bordados (HUANG, 2012). Em diversos países, os bordados são utilizados como elemento de afirmação da identidade etnocultural, como na China (SU et al., 2020), na Palestina (SALAMON, 2016) ou



Novo México (ERICKSON, 2015). Quando comunidades migram para outros países, o uso desses elementos culturais busca manter sua identidade cultural, como no caso do uso do laço de Limerick por imigrantes irlandeses na Austrália (COOPER, 2020).

A valorização cultural dos bordados pode ser considerada como uma estratégia para se dignificar o universo feminino, com mulheres passando a ocupar posições tradicionalmente masculinas no campo artístico (CHUCHVAHA, 2020). Um catálogo das diversas mulheres que tiveram reconhecimento artístico com a atividade de bordados pode ser localizado em Alcaraz Frasquet (2016). Este reconhecimento artístico permitiu às mulheres demandarem por reconhecimento social. Huang (2012), analisando os trabalhos produzidos pela bordadeira chinesa medieval Han Ximeng, documentados em obra de 1641, avalia como ela imprimiu um caráter artístico ao seu trabalho, chamando a atenção para o meio feminino em que trabalhava e reivindicando um significado próprio à sua obra, onde sutilmente passa a subverter as convenções da pintura masculina de seu tempo. Essa demanda de reconhecimento artístico e de expressão da subjetividade feminina induzia a um questionamento social das relações de gênero.

Os bordados carregam um valor histórico-cultural, associando características, técnicas e estéticas próprias de um determinado período histórico (THUNDER, 2014). Todavia, há um outro enfoque histórico-cultural possível. Tradicionalmente, a história tem sido registrada em repositórios escritos. Segundo Van Der Merwe (2019), em comunidades indígenas sem registro arquivístico tradicional (escrito), os bordados produzidos por mulheres podem ser utilizados como um arquivo de conhecimento, memória e evidência histórica da comunidade. Enquanto os registros escritos são tradicionalmente produzidos por homens, portanto carregam uma visão androcêntrica, o estudo dos bordados permite uma avaliação da história comunitária a partir da perspectiva das mulheres. Nesse sentido, os bordados produzidos pelas mulheres se tornam um potente instrumento decolonial, pois, enquanto em outros contextos coloniais, marcados pela desapropriação e ocupação, a história é narrada por terceiros, aqui o bordado permite que as mulheres narrem em primeira pessoa, contestando narrativas dominantes e representações hegemônicas (SEGALO et al., 2015).

Autonomia socioeconômica

Os efeitos de articulação feminina na produção dos bordados possuem contextos distintos, seja no âmbito do bordado amador como um *hobby* em países centrais (PARKER, 1984; MYZELEV, 2009; HACKNEY, 2013), como no bordado em comunidades tradicionais e periféricas, marcadas pela exclusão social (SILVA, 1994; SEGALO, 2011; PEREZ-BUSTOS, 2017; JABEEN et al., 2020; SU et al., 2020). Os bordados tradicionais em países periféricos, possuem uma conotação mais intensa de fonte de subsistência e de agregação comunitária contra violências coloniais mais incisivas. Diversos estudos indicaram como a valorização cultural dos bordados manuais permite a valorização econômica do trabalho das mulheres rurais envolvidas em sua produção, tornando-se um relevante instrumento de contribuição ao sustento da casa (SILVA, 1994; JABEEN et al., 2020). Mulheres tiveram um papel relevante na indústria dos bordados, como foi o caso do Departamento de Bordados da empresa Singer (CRUZ-FERNANDES, 2014).



Silva (1994), analisando as mulheres bordadeiras do agreste pernambucano, identifica dois níveis de organização do trabalho, a bordadeira independente, que administra diretamente sua atividade e lucros, até a bordadeira dependente de um comerciante, o que afeta diretamente o retorno econômico da atividade. Cunha e Vieira (2009) avaliam como as bordadeiras (labirinteadoras) de Juarez Tavarez, na Paraíba, são exploradas por comerciantes, exceto quando conseguem se articular em cooperativas de trabalho. Uma estratégia para elevar o potencial econômico dos bordados para o desenvolvimento regional tem sido a atribuição de Indicação Geográfica – IG para o patrimônio cultural e conhecimentos tradicionais das localidades (SILVA et al., 2016).

Apesar do potencial de os bordados das mulheres contribuírem para seu sustento, usualmente as principais decisões da família seguem sendo tomadas pelos homens (JABEEN et al., 2020). Todavia, quando o projeto que orienta a atuação das mulheres bordadeiras é permeado por uma conscientização feminista, os bordados permitem uma reorganização dos papéis de gênero na família e comunidade (SEGALO, 2011).

Autonomia político-feminista

Finalmente, a atividade coletiva das rodas de mulheres bordadeiras abre espaço para se promover um nível de consciência de grupo, com potencial de fomento da solidariedade feminina e promoção de reflexões críticas para a articulação de demandas políticas para a promoção de seus direitos (PARKER, 1984; HACKNEY, 2013; MYZELEV, 2009; PEREZ-BUSTOS, 2017; VARELA MATTUTE, 2021; WILKINSON-WEBER, 1997; SCHMAHMANN, 2007a, 2007b).

A obra pioneira no cruzamento dos bordados com a articulação política feminina foi a de Parker (1984), intitulada “A costura subversiva: bordado e a confecção do feminino”. Parker teoriza que os estereótipos femininos como castidade, submissão e passividade estão historicamente associados aos bordados, todavia é possível reconhecer manifestações de resistência subversiva nessa arte feminina. Ela analisa como os bordados, por serem uma atividade reservada no âmbito doméstico, foi historicamente utilizada para inculcar a subserviência feminina, todavia, ao mesmo tempo, proporcionou uma fonte de criatividade imensamente prazerosa, criando vínculos entre as mulheres. Sua obra foi limitada à Inglaterra e não chegou a reconhecer outros marcadores de discriminação, como raça e classe.

Diversos estudos avaliam como as atividades artesanais amadoras e domésticas (como o tricô e os bordados), tem se constituído em espaço de ativismo silencioso do fazer cotidiano, dando novo significado à domesticidade e promovendo a agência feminina por meio de novos imaginários (MYZELEV, 2009; HACKNEY, 2013). Mesmo os bordados feitos por mulheres em contexto industrial em países centrais possuem potencial de ser a base para a solidariedade e a ação entre as mulheres (WILKINSON-WEBER, 1997).

As rodas de bordados geram um ponto de apoio recíproco de solidariedade entre as mulheres (ALLUCI, 2019). Ao permanecerem um longo período juntas e dialogando, as mulheres criam um espaço de solução de seus conflitos e divergências (PÉREZ-BUSTOS, 2017). Ou seja, o ambiente tecnocultural (HARAWAY, 2008) de produção dos bordados produz um

conhecimento transcendente à materialidade do produto, tornando-se uma sociotecnologia de cuidado entre mulheres (BELLACASA, 2011, 2012).

Diversos estudos documentaram o uso político dos bordados para denunciar violências experimentadas pelas mulheres (SEGALO, 2016; MONTGARRETT, 2017; SCHMAHMANN, 2007a; SALAMON, 2016), uma prática que remonta, ao menos, ao movimento sufragista (ALCARAZ FRASQUET, 2016).

Por exemplo, Schmahmann (2007b), estuda como os temas de violência doméstica, medo da infecção pelo HIV, falta de apoio pelos companheiros na educação dos filhos e a ausência de reciprocidade nas relações com os homens, estiveram retratados pelas integrantes do Projeto de Bordados Mapula, na África do Sul. Outra pesquisa na África do Sul documentou como as mulheres negras usam os bordados e o tricô para narrar histórias que propõem um questionamento dos papéis de gênero, das relações raciais e suas histórias pessoais (SEGATO, 2011). Nunes (2021), retrata o valor dos bordados da artista iraniana Marjane Satrapi para as inúmeras representações da resistência feminina durante a República Islâmica do Irã. Segundo Perez-Bustos (2017), as práticas cuidadosas e detalhistas dos bordados de calado são intimamente constitutivas de processos de pensamento constituídos pelo cuidado em relação aos corpos e às materialidades. Esses processos, entrelaçam histórias entre gerações sobre aprendizagem corporificada e doméstica, com uma invisibilidade ambígua marcada pelo gênero. No México, a produção de bordados da boneca zapatista tem dado forma às lutas das mulheres indígenas contra a cultura machista (VARELA MATTUTE, 2021, s.p.). Esta boneca zapatista abraça diferentes significados sociais sobre o ideal de “mulher digna e rebelde”, tornando-se um símbolo para as mulheres artesãs em suas estratégias feministas de resistência e resiliência.

Alluci (2019), apresenta três exemplos de atividades de bordados que permitiram denunciar realidades políticas das mulheres no contexto latino-americano: (i) as “mães da Praça de Maio” em Buenos Aires, Argentina, usavam lenços brancos bordados com os nomes dos filhos desaparecidos; (ii) em uma comunidade de cerca de 300 famílias de desalojados forçados pelas FARC de Mampujáz, Columbia, o projeto “mulheres tecendo sonhos e sabores de paz” (Prêmio Nobel da Paz de 2015), permitiu através do bordado criar um espaço de cura coletiva e reconciliação com o passado; (iii) a tradição do bordado das *arpilleras*, da Ilha Negra, Chile, tornou-se um instrumento de resistência e luta contra o esquecimento dos seus familiares torturados e desaparecidos e de denúncia da opressão do regime ditatorial. Em sentido semelhante, Ilina (2020), verifica o movimento de mulheres de Nuevo León, México, que usa os bordados para protestar contra o desaparecimento de seus filhos e familiares, argumentando que há um recorte de gênero neste tipo de protesto, usualmente realizado por mulheres e não por homens. Afirma: “Graças ao uso político de práticas tradicionalmente femininas, como o bordado, as mães e esposas de FUNDENL ressignificam a maternidade e o amor na luta pelos desaparecidos, para construir novas referências para o papel das mulheres na mobilização social” (ILINA, 2020, p. 119).

Esta experiência das *arpilleras* inspirou uma articulação semelhante no Brasil, com o Movimento de Atingidas e Atingidos por Barragens (MAB), cujas mulheres passaram a utilizar os bordados como instrumento de denúncias e resistência quanto às violências, constituindo-se em uma metodologia e prática feminista que constituem as mulheres em sujeitas de direitos.



Segundo Maso e Maso (2020, p. 483), “entre as mulheres do MAB esses bordados representam a construção de um campo feminista de gênero, no qual os recortes estruturais de classe e gênero subsidiaram a percepção das violências sofridas”.

É possível reconhecer um “ativismo têxtil” de cunho feminista, que promove causas sociais e promove protestos através dos bordados e outras manifestações de costura doméstica (SÁNCHEZ-ALDANA et al., 2019). Movimentos como o *Stitch'n Bitch* tornam-se uma nova modalidade de *cyberfeminism*, em que mulheres se reúnem em locais públicos, como cafés, para bordarem ou tricotarem, ao mesmo tempo em que discutem e articulam uma resistência progressiva a temas políticos e sociais (MINAHAN, 2007). A exibição de tais obras artísticas de cariz feminista em ambientes conservadores com valores patriarcais arraigados, torna-se uma ruptura intencionalmente subversiva e autoconsciente do *status quo* com potencial para o desenvolvimento de novas estratégias na promoção dos direitos das mulheres (MONTGARRETT, 2017).

Considerações finais

Verifica-se neste estudo que nem todas as referências localizadas e analisadas efetivamente incluíram a abordagem decolonial, feminista e racial. Os estudos sobre design para a promoção da autonomia, quando incorporam o recorte decolonial, problematizam as relações entre Norte e Sul Globais, com uma revalorização do design próprio das áreas periféricas. Uma consciência quanto à interseccionalidade de gênero, raça e classe no design sinaliza com a relevância de se atentar para formas múltiplas de discriminação que incidem sobre mulheres, pessoas negras ou indígenas, e socialmente excluídas. A presente pesquisa de revisão bibliográfica, com o uso da TEMAC, permitiu o mapeamento de autoras e áreas de pesquisa na temática de bordados e promoção de autonomia feminina.

A desvalorização artística do artesanato é uma forma de discriminação de classe, favorecendo as manifestações artísticas próprias das elites. Especificamente quanto aos bordados, por se tratar de manifestação artesanal fortemente marcada pela feminilização e pela produção no ambiente doméstico, há uma discriminação de gênero que desvaloriza o produto tanto na perspectiva artística como econômica. Esta desvalorização de gênero está presente em países centrais e periféricos, mas nos países periféricos é potencializada pela desvalorização das manifestações culturais do Sul Global.

Todavia, movimentos recentes tendem a resgatar o valor cultural dos bordados, como uma arte invisível pelas mulheres, tanto como forma de identidade etnocultural quanto de dignidade artística. Essa valorização artística traz a possibilidade de elevação social e de reorganização de relações de poder de gênero. Em comunidades tradicionais, os bordados tornam-se relevante instrumento de resgate histórico, com o potencial de dar voz a esses grupos femininos excluídos.

Os bordados possuem valores distintos na dicotomia Norte-Sul. Em países centrais, as pesquisas enfocam os bordados principalmente como *hobby* e prática terapêutica. Em países periféricos, para além dessas perspectivas, acentua-se o valor dos bordados como estratégia de sobrevivência econômica de mulheres em situação de pobreza, com contribuição significativa para o sustento familiar. Os bordados podem ter um valor de promoção de autonomia, tanto de

realização pessoal pela arte, de intervalo das atividades domésticas, bem como de fomento de articulação comunitária feminina, tornando-se uma sociotecnologia de cuidado.

Finalmente, os bordados permitem às mulheres criarem narrativas que quebram o silêncio feminino e desafiam o que é dado como certo na ordem de valores sexista, construindo novos significados para a justiça social. Essa narrativa de resistência e não conformidade às normas sociais impostas às mulheres, abrange temas como violência doméstica, HIV, sobrecarga de funções domésticas de cuidado, opressão política, protesto contra desaparecimentos e reconciliação comunitária. A articulação feminina nas rodas de bordados tem potencial de favorecer um espaço de convivialidade comunitária para um ativismo têxtil de cariz feminista.

Estudar os bordados é uma estratégia relevante de resgatar a voz historicamente silenciada das mulheres. Futuras pesquisas de revisão bibliográfica devem considerar, além das bases de dados do *mainstream* acadêmico, outras bases, dando visibilidade a pesquisas periféricas. Futuras pesquisas empíricas deveriam mapear experiências materiais de mulheres bordadeiras levando em consideração as áreas de promoção de autonomia feminina mapeadas nesta pesquisa.

Referências

- ALCARAZ FRASQUET, Maria. Tirar del hilo: una aproximación al bordado subversivo. **Revista Sonda-Investigacion y Docencia en Artes y Letras**, v. 5, p. 18-42, 2016.
- ALLUCCI, Renata Rendelucci. Una aguja, una lámpara, un telar. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, e54376, p. 1-14, 2019.
- BELLACASA, Maria Puig. “Nothing comes without its world”: thinking with care. **The Sociological Review**, v. 60, n. 2, p. 197-2016, 2012.
- BELLACASA, Maria Puig. Matters of care in technoscience: assembling neglected things. **Social Studies of Science**, v. 41, n. 1, p. 85-106, 2011.
- BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.
- BROOKS, Helen. Embroidery: sources of design, past and present. **The Vocational Aspect of Education**, v. 7, n. 14, p. 20-31, 1955.
- CHUCHVAHA, Hanna. Quiet feminists: women collectors, exhibitors, and patrons of embroidery, lace, and needle-work in late imperial Russia (1860-1917). **Journal of Decorative Arts, Design History, and Material Culture**, v. 27, n. 1, p. 45-72, 2020.
- COOPER, Sophie. Something borrowed: women, Limerick lace and community heirlooms in the Australian Irish diaspora. **Social History**, v. 45, p. 304-327, 2020.
- CRUZ-FERNÁNDEZ, Paula A. de la. Marketing the hearth: Ornamental embroidery and the building of the multinational singer sewing machine company. **Enterprise and Society**, v. 15, n. 3, p. 442-471, 2014.
- CUNHA, Tânia Batista da; VIEIRA, Sarita Brazão. Entre o bordado e a renda: condições de trabalho e saúde das labirinteiras de Juarez Távora/Paraíba. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 258-275, 2009.
- EDWARDS, Clive. 'Home is where the art is': women, handicrafts, and home improvements 1750-1900. **Journal of Design History**, v. 19, n. 1, p. 11-21, 2006.



ERICKSON, Kirstin C. Las colcheras: Spanish colonial embroidery and the inscription of heritage in contemporary Northern New Mexico. **Journal of Folklore Research**, v. 52, n. 1, p. 1-37, 2015.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds**. Londres: Duke University Press, 2018.

FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. Toward a feminist theory of caring. In: ABEL, Emily K.; NELSON, Margaret K. (Orgs.). **Circles of care: work and identity in women's lives**. Albany: Sunny Pres, 1990, p. 35-62.

HACKNEY, Fiona. Quiet activism and the new amateur: the power of home and hobby crafts. **Design and Culture**, v. 5, n. 2, 169-193, 2013.

HARAWAY, Donna. Sowing worlds: a seed bag for terraforming with earth others. In: GREBOWICZ, Margret; Merrick, Helen (Orgs.). **Beyond the cyborg: adventures with Donna Haraway**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2013, p. 137-146.

HARAWAY, Donna. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HUANG, I-Fen. Gender, technical innovation, and Gu Family embroidery in late-Ming Shanghai. **East Asian Science, Technology, and Medicine**, v. 36, p. 77-129, 2012.

ILINA, Nadejda. “¡Tu madre está en la lucha!” La dimensión de género en la búsqueda de desaparecidos en Nuevo León, México. **Ícones**, n. 67, p. 119-136, 2020.

JABEEN, Salma; HAQ, Sanam; JAMEEL, Arif. Impacts of rural women’s traditional economic activities on household economy: changing economic contributions through empowered women in rural Pakistan. **Sustainability**, v. 12, n. 7, p. 2731, 2020.

LEITE, Marcia de Paula. As bordadeiras de Ibitinga: trabalho a domicílio e prática sindical. **Cadernos Pagu**, v. 32, p. 183-214, 2009.

MARIANO, Ari Melo; REIS, Ana Carla Bittencourt; ALTHOFF, Lucas dos Santos; BARROS, Laís Bandeira. A bibliographic review of software metrics: applying the consolidated meta-analytic approach. **Springer Proceedings in Mathematics & Statistics**, v. 280, p. 243-256, 2019.

MASO, Tchenna Fernandes; MASO, Tchella Fernandes. Onde estão nossos direitos? O campo feminista de gênero bordado pelas mulheres atingidas por barragens. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 481-510, 2020.

MINAHAN, Stella Marie; COX, Julie Wolfram. Stitch'n Bitch: cyberfeminism, a third place and the new materiality. **Journal of Material Culture**, v. 12, n. 1, p. 5-21, 2007.

MONTGARRETT, Julie. Textile art and feminist social activism: the daily diminish project. **Textile-Cloth and Culture**, v. 15, n. 4, p. 396-411, 2017.

MYZELEV, Alla. Whip your hobby into shape: knitting, feminism and construction of gender. **Textile**, v. 7, n. 2, p. 148-163, 2009.

NUNES, Caroline Atencio Medeiros. A intergeracionalidade nas graphicnovels autobiográficas “Persépolis” e “Bordados” de Marjane Satrapi. **AEDOS – Revista do corpo discente do programa de pós-graduação em História da UFRGS**, v. 12, n. 27, p. 614-640, 2021.

PARKER, Rozsika. **The subversive stitch: embroidery and the making of the feminine**. Londres: Women's Press, 1984.

PEIXOTO, Patrícia; MAYNARDES, Ana Cláudia. Design e atividade artesanal como práticas emancipatórias. In: **Anais do Colóquio Internacional de Design 2020**. São Paulo: Blucher, 2020, p. 517-527.



PÉREZ-BUSTOS, Tania. El tejido como conocimiento, el conocimiento como tejido: reflexiones feministas en torno a la agencia de las materialidades. **Revista Colombiana de Sociología**, v. 39, n. 2, p. 163-182, 2014.

PEREZ-BUSTOS, Tania. Thinking with care: Unravelling and mending in an ethnography of craft embroidery and technology. **Revue D'Anthropologie des Connaissances**, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2017.

PÉREZ-BUSTOS, Tania; MÁRQUEZ, Sara D. Destejiendo puntos de vista feministas: reflexiones metodológicas desde la etnografía del diseño de una tecnología. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad – CTS**, v. 11, n. 31, p. 147-169, 2016.

PHILLIPS, Brenda D. Women's studies in the core curriculum: using women's textile work to teach women's studies and feminist theory. **Feminist Teacher**, v. 9, n. 2, p. 89-92, 1995.

RIVERA, Rafael A. Gonzalez; CORTES-RICO, Laura; PEREZ-BUSTOS, Tania; FRANCO-AVELLANEDA, Manuel. Embroidering engineering: a case of embodied learning and design of a tangible user interface. **Engineering studies**, v. 8, n. 1, p. 48-65, 2016.

SALAMON, Hagar. Embroidered Palestine: a stitched narrative. **Narrative Culture**, v. 3, n. 1, p. 1-31, 2016.

SÁNCHEZ-ALDANA, Eliana; PÉREZ-BUSTOS, Tania; CHOCONTÁ-PIRAQUIVE, Alexandra. ¿Qué son los activismos textiles?: una mirada desde los estudios feministas a catorce casos bogotanos. **Athenea Digital**, v. 19, n. 3, e2407 p. 1-24, 2019.

SCHMAHMANN, Brenda. Intertextual textiles: parodies and quotations in cloth. **Textile**, v. 15, n. 4, p. 336-343 2017a.

SCHMAHMANN, Brenda. Needled women: representations of male conduct in Mapula embroideries. **Textile, Cloth and Culture**, v. 5, n. 1, p. 10-33, 2007b.

SEGALO, Puleng. Our lives through embroidery: narrative accounts of the women's embroidery project in post-apartheid South Africa. **Journal of Psychology in Africa**, v. 21, n. 2, p. 229-238, 2011.

SEGALO, Puleng. Using cotton, needles and threads to break the women's silence: embroideries as a decolonising framework. **International Journal of Inclusive Education**, v. 20, n. 3, p. 246-260, 2016.

SEGALO, Puleng; MANOFF, Einat; FINE, Michelle. Working with embroideries and counter-maps: engaging memory and imagination within decolonizing frameworks. **Journal of Social and Political Psychology**, v. 3, n. 1, p. 342-364, 2015.

SENNETT, Richard. **The Craftsman**. New Haven: Yale University Press, 2008.

SILVA, Cíntia Kaline Vieira da; BRITO, Luísa Medeiros; DANTAS, Thomas Kefas de Souza. A indicação geográfica como promotora do desenvolvimento local e regional: o caso (em potencial) do bordado do Seridó. **Revista GEINTEC – gestão inovação e tecnologias**, v. 6, n. 1, p. 2982-2990, 2016.

SILVA, Marlene M. da. Travail de la femme et subordination des petits producteurs dans l'Agreste du Pernambouc. **Travaux – Institut de Géographie de Reims**, v. 89-90, p. 157-172, 1994.

SINGLETON, Vicky. When contexts meet: feminism and accountability in UK cattle farming. **Science, Technology, and Human Values**, v. 37, n. 4, p. 404-433, 2012.

SU, Ming Ming; WALL, Geoffrey; MA, Jianfu; NOTARIANNI, Marcello; WANG, Sangui. Empowerment of women through cultural tourism: perspectives of Hui minority embroiderers in Ningxia, China. **Journal of Sustainable Tourism**, online first, 2020.



THUNDER, Moira. Capturing understanding of women's embroidery designs: a methodology for research and a critique of cataloguing databases using the example of women's embroidery in nineteenth-century Britain. **Textile History**, v. 45, n. 1, p. 68-98, 2014.

VAN DER MERWE, Ria. From a silent past to a spoken future. Black women's voices in the archival process. **Archives and Records – The Journal of the Archives and Records Association**, v. 40, n. 3, p. 2369-258, 2019.

VARELA MATTUTE, Ambar. La muñequita zapatista: significación social de un objeto icónico artesanal. **Latin American and Caribbean Ethnic Studies**, online first, 2021.

WILKINSON-WEBER, Claire M. Skill, dependency, and differentiation: artisans and agents in the Lucknow embroidery industry. **Ethnology**, v. 36, n. 1, p. 49-65, 1997.

Sobre as autoras

Roberta Serednicki de Ávila

Mestranda em Design pela Universidade de Brasília. Tecnóloga em Design de Moda pelo Centro Universitário IESB, Brasília. Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Especialista em *Trending* pela RMIT University, Melbourne. Especialista em História do Direito pela Universidade de Lisboa.
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6542-0880>

Ana Claudia Maynardes

Mestra e Doutora em Artes pela Universidade de Brasília. Graduada em Desenho Industrial pela Universidade Federal do Paraná. Professora Adjunta do Curso de Design e do PPG Design da Universidade de Brasília. Pesquisadora líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Desenvolvimento em Design (UnB/CNPq). Possui experiência na área de design, com ênfase em design de produto.
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8769-7987>